

# Discursos sobre o território de Itueta frente à realocação compulsória: análise discursiva da produção literária de um ituetense

Discourses on the territory of Itueta in relation to its compulsory reallocation: discourse  
analysis on the literary work of an ituetense

Thiago Martins Santos\*

Nádia Dolores Fernandes Biavati\*\*

---

**RESUMO:** Baseados no referencial da Análise de Discurso Crítica, analisamos as representações de Itueta presentes numa coletânea de três produções poéticas elaboradas por um ituetense, procurando compreender o modo como os discursos nos textos em questão contribuem para constituir Itueta como território antes, durante e depois da sua total destruição decorrente da construção da Usina Hidrelétrica de Aimorés, que fez surgir a ‘nova’ Itueta. Apresentamos análises variadas sobre como a história da cidade é retratada e relacionada às representações discursivas e à memória do seu narrador, conferindo a ela a categoria de território.

**ABSTRACT:** Based on the framework of Critical Discourse Analysis, we analyzed the representations of Itueta present in a collection of three poetic productions by an Ituetaense (that is how an inhabitant from Itueta is called). The aim here was to try to understand how the discourses used in the texts presented contribute to constitute Itueta as a territory before, during and after its total destruction, due to the construction of the hydroelectric plant of Aimorés, and giving way to the process of the creation of a new Itueta. Various analyzes are presented on how the city's history is portrayed and related to the discursive representations and the memory of its narrator, which put the town into the category of territory.

**PALAVRAS-CHAVE:** Território.  
Realocação. Discursos.

**KEYWORDS:** Territory. Realocation.  
Discourses.

---

## 1. Introdução

Itueta é a sede de um município mineiro localizado no Vale do Rio Doce, próximo da divisa com o Espírito Santo, com área aproximada de 453 km<sup>2</sup> e uma população estimada de 6.069 habitantes (IBGE, 2015). A formação do antigo povoado teve início nos anos 1920, com a chegada de desbravadores provenientes da Zona da Mata mineira, interessados na exploração da madeira de lei e no desenvolvimento de atividades agropecuárias. Esse grupo se fixou à margem do Rio Doce, no entorno da Estrada de Ferro Vitória a Minas e entre outros dois

---

\* Mestre em Gestão Integrada do Território (GIT/UNIVALE). Professor da Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE).

\*\* Doutora em Linguística (POSLIN/FALE/UFMG). Professora da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e integrante do Programa de Mestrado em Letras (PROMEL/UFSJ). Atuou como professora do Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território (GIT/UNIVALE).

núcleos populacionais formados por descendentes de imigrantes italianos e germânicos, vindos do Espírito Santo, no contexto da Primeira Guerra Mundial.

Itueta ficava aproximadamente a 11 km da colônia italiana e aproximadamente a 20 km da colônia germânica. Sua posição geográfica favoreceu seu desenvolvimento territorial com a construção da estação ferroviária em 1927, já que naquele local moradores dos outros dois núcleos e da região se reuniam inicialmente para escoar a produção e estabelecer relações comerciais. Tal dinamismo, motivado pela efervescência da economia e da cultura local, elevou Itueta à categoria de distrito de Resplendor (MG) em 1938. Dez anos depois ocorreu a emancipação política e o núcleo de Itueta se tornou a sede do município.

Festas comunitárias ocorriam praticamente em todos os meses do ano, fortalecendo os laços de sociabilidade dos moradores e forjando a identidade cultural de Itueta. A economia local era baseada na exploração dos recursos naturais, principalmente da madeira, que se esgotou na década de 1960, provocando uma inversão na curva de crescimento econômico da cidade e motivando a migração de uma considerável parcela de sua população para outras áreas de fronteira, sobretudo o Norte do Brasil.

Em fins da década de 1990, a população foi informada da chegada da Usina Hidrelétrica de Aimorés (UHE Aimorés) e das implicações decorrentes da construção desse empreendimento, como a necessidade de realocação da cidade para dar espaço à construção do reservatório d'água e possibilitar a mudança de posição da linha férrea da Vale. A realocação compulsória foi finalizada em 2005, com o assentamento da população na 'nova' Itueta e a destruição total da Itueta 'velha'. A nova cidade foi erguida pelo Consórcio Hidrelétrico Vale-Cemig às margens da BR-259, aproximadamente a 4 km da Vila de Quatituba (distrito formado a partir do núcleo dos descendentes de italianos), com a expectativa de a população de Itueta se beneficiar do dinamismo desse distrito e, assim, recuperar sua fase áurea e minimizar a dor gerada pela mudança indesejada.

Esse cenário é representado numa coletânea de três poemas produzidos por um dos ituetenses que integrou o grupo de sujeitos investigados na pesquisa de mestrado.<sup>1</sup> Fundamentados no referencial da Análise de Discurso Crítica (ADC), analisamos neste artigo

---

<sup>1</sup> A coletânea de poemas não publicados, que apresenta e representa, em estrutura poética, o cenário da velha e da nova Itueta, foi cedida espontaneamente pelo sujeito durante a pesquisa de campo para a produção da dissertação intitulada *Itueta: da articulação à desarticulação de um território (1926-2005)*. A pesquisa foi apresentada no GIT/UNIVALE, em 2013, sob a orientação da Profa. Dra. Sueli Siqueira e contou com o apoio financeiro da FAPEMIG.

as representações de Itueta na coletânea, procurando compreender o modo como os discursos dos poemas contribuem para constituir Itueta como território e, ao mesmo tempo, construir as relações entre o ser, o estar e o vivido nesse território.

Os poemas que compõem o *corpus* do estudo foram escritos a partir de uma variável temporal, o que serviu de base para a organização da coletânea: a construção da UHE Aimorés, que provocou a transferência da cidade de Itueta para outro local. O primeiro poema, *Fragmentos de saudades - 1º tempo*, aborda o período da história de Itueta que antecede à construção da usina, portanto os momentos anteriores à realocação. O segundo poema, *Suor e lágrimas - 2º tempo*, remete aos momentos da transferência, e o terceiro poema, *Lembrança, tristeza e esperança - 3º tempo*, apresenta o pós-transferência, o tempo presente da escrita da coletânea, vivido na nova Itueta.

Este artigo está estruturado em três partes. Inicialmente procuramos discutir os princípios da Análise de Discurso Crítica (ADC), relacionando discurso, representações, identidades, memória e território; em seguida, analisamos a coletânea por meio do referencial da ADC; por fim, destacamos importância da ADC para a compreensão dos poemas.

## **2. Análise de Discurso Crítica (ADC): princípios e articulações possíveis**

A ADC é uma abordagem teórico-metodológica que compreende o discurso como atividade de linguagem, norteador da prática social e norteador por ela. Resende e Ramalho (2009; 2011) observam o compromisso de análise linguística e social se completar nos estudos crítico-discursivos. Para as pesquisadoras “[...] a análise linguística alimenta a crítica social e a crítica social justifica a análise linguística” (RESENDE; RAMALHO, 2009; RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 21). Nesse sentido, a crítica social se dá a partir das investigações de efeitos discursivos sobre a realocação da cidade de Itueta, retratada pelo antigo morador a partir da construção da UHE Aimorés.

A concepção de discurso que estamos adotando é a de Fairclough (2001) tanto em sentido amplo quanto em sentido restrito. Tomado em sentido amplo, o discurso é compreendido como linguagem como prática social; já em acepção restrita, singular, conforme o autor, discurso é tomado como “[...] modo de significar a experiência a partir de uma perspectiva particular” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 39). Assim, os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, mas também as constroem ou constituem. A visão de Fairclough sobre discurso coloca tal concepção como socialmente construtiva, pois

“[...] constitui sujeitos, relações sociais e sistemas de conhecimentos e crenças, devendo, portanto, ser visto e estudado como ligado à história e a processos dinâmicos” (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 33).

Discurso e texto se relacionam na medida em que texto se torna a materialidade de discursos em que se manifestam a rede de valores seguidos pelos sujeitos que constroem projeções de si no território. Discursos carregam ideologias que interpelam os sujeitos a partir do contato com realidades que se representam nos dizeres sobre algo e, ao mesmo tempo, emergem pelo discurso representações, identidades e memórias, aspectos importantes para a constituição e legitimação de um território. Fairclough (2001b, p. 58) orienta que textos devem ser analisados “[...] em termos de uma gama diversa de aspectos de forma e significado (por exemplo, as propriedades do diálogo e da estrutura textual, bem como o vocabulário e a gramática) pertencentes tanto às funções ideacionais da linguagem como às interpessoais”.

Portanto, texto pode ser tomado como palavra falada ou escrita, por meio da qual práticas, valores, crenças são naturalizados e hegemonias são fortalecidas. Nesse sentido, os dizeres sobre Ituetá retratados nos poemas analisados materializam representações sobre como se compreende o processo da mudança da cidade, o modo como se ressignifica a condição do espaço tomado como construção cultural, reinventado como objeto de luta, de resignação, de emoções.

Analisar o modo como se representam o ser e o estar nas condições de mudança tratadas pelo ituetense é importante para se compreender a produção de um território por meio do(s) discurso(s) construído(s) a partir de sua identidade ituetense e, simultaneamente, de discurso(s) por meio das vivências representadas no/do território. Dada a relevância de aspectos como representação, identidade e articulações entre discurso e território, explanamos tais concepções e procuramos estabelecer possíveis relações com o conceito de discurso apresentado.

O primeiro aspecto que conceituamos é a representação, cuja definição buscamos em Woodward (2006, p. 17):

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas

simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

Considera-se a representação ligada ao uso da palavra, dos aspectos simbólicos que colocam significações sobre os dizeres. Como processo cultural, os atos de construir poemas, declamá-los e fazer circular o produto da produção escrita sobre a mudança rememoram experiências e dão pistas sobre como as identidades se compreendem no processo de realocação de Itueta e na destruição da antiga sede do município. Interessa, portanto, a rede de valores e as práticas que interpelam nas formações dos dizeres. Então, discurso familiar, discurso econômico e discurso político emergem nas produções versificadas do ituetense. Por isso, são discursos na construção pluralizada, pois indicam redes de relações de poder que perpassam o tratamento dos dizeres sobre mudar e os posicionamentos sobre isso.

Ao articular representação e discurso, Woodward (2006, p. 17) afirma que “[...] os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. Pelos discursos, se constituem identidades e, vice-versa, identidades se constituem por discursos. Nos dizeres, em discursos, resvalam sentidos que indicam o modo como os sujeitos representam sua condição no território. Os sistemas de representações são meios pelos quais as identidades se posicionam, o que significa que muito das identidades emerge pelos sistemas de representação. Pelas representações, as posições dos sujeitos emergem em expressões sobre a cultura, as crenças e os hábitos. Assim, os discursos trazem representações sobre o lugar onde se vive, as mudanças nas condições de vida, a melancolia como consequência ao processo de mudança vivido, por enxergar no território a essência do ser como estar em um lugar.

Para essa autora, a representação que se tem sobre algo ou sobre algum lugar está relacionada ao modo como apreendemos identidades. Woodward (2006, p. 9) considera que a identidade é relacional, pois “[...] as representações nos dizem o que algo é ou não é e dizem respeito à relação que temos com o outro”. Por isso, a identidade é marcada pela diferença e pela similaridade. Essas características se dão como “posições-de-sujeitos”, modo como a análise discursiva francesa trata a questão. Ainda que o presente trabalho parta da análise discursivo-crítica de vertente anglo-americana, acreditamos nessa articulação entre discurso, representações e identidades.

Outro aspecto que consideramos é a memória, cuja definição buscamos em Todorov (1999) *apud* Delgado (2005, p. 17):

[...] a memória não se reduz ao ato de recordar. Revelam os fundamentos da existência, fazendo com que a experiência existencial, através da narrativa, integre-se ao cotidiano fornecendo-lhe significado e evitando, dessa forma, que a humanidade perca raízes, lastros e identidades.

A memória faz emergir as ressignificações do território: por ela surgem representações do ser e do fazer em Itueta antes, durante e após o processo de realocação. De acordo com Delgado (2005), memória, narrativas/discursos e identidades se alimentam, se complementam, constituem humanidades. E partindo dessa premissa, sugerimos que memórias constituem territórios, pois atribuem sentidos ao espaço, criam identidades, exercitam o poder, fazem dele um lugar de experiências de vida.

Assim, estamos trabalhando com a perspectiva cultural de território de Bonnemaïson (2002) e de Haesbaert (2005; 2007), que considera território um espaço socialmente construído e culturalmente vivenciado ao longo de um período histórico. Nessa abordagem, a construção de um território tem início quando um grupo social domina e se apropria de um espaço, atribuindo-lhe valor, unindo-se a ele por laços de afetividade e fazendo dele suporte para (re)elaboração de sua identidade. O território é o espaço do cotidiano e das relações subjetivas, onde as pessoas veem a realidade e a si mesmas.

A seguir, apresentamos o estudo de textos versificados por um ituetense, materialidade estruturada em poemas, procurando compreender o modo como a linguagem, considerada como prática social (discurso no sentido amplo) constrói um território, que é, ao mesmo tempo, constituído a partir dela. Com base na análise discursiva, é possível fazer um percurso das retomadas de um eu em clamor coletivo diante do território destruído, reconfigurado, realocado, fazendo emergir valores e práticas envolvidos nesse processo.

Vale lembrar o lugar da análise de discurso crítica como uma construção teórico-metodológica importante para a presente análise. Por esse viés, interessa-nos uma análise em que a prática discursiva se dá como materialidade em um contexto de produção, distribuição e consumo dos sujeitos na situação de mudança e reconfiguração: assim, o antes, o durante e o depois da transferência/reassentamento da população de Itueta são condições cruciais para se compreender em que medida os discursos do eu (familiar e econômico) convergem e/ou se confrontam.

Na análise discutimos a prática social que sugere as ideologias que emergem no texto e permeiam o processo de realocação a partir de decisões econômicas sobre o território; por fim, privilegiamos a produção e o consumo do texto poético, que se revela como um desabafo, em construções literárias versificadas com rimas, cujas impressões do sujeito poético são trazidas muitas vezes em confronto ao processo de transferência para a nova Itueta.

### **3. Análise: representações de Itueta em três tempos**

Para compreender a manifestação da produção poética, consideramos o que Compagnon (2009, p. 38) afirma sobre a poesia, que busca desvelar “[...] uma verdade que não seja transcendente, mas latente, potencialmente presente, escondida fora da consciência, imanente, singular e, até aí, inexprimível”.

Nesse sentido, ao versificar sobre uma realidade, o cidadão ituetense produz uma prática de linguagem representativa de crenças, de valores e hábitos, desejos, anseios e angústias, que exprimem fatos sobre a vida que se modificou. Essa produção poética, passível de análise no presente artigo, diz respeito a uma produção literária fora do cânone literário tradicional, que mesmo assim lida com uma experiência de linguagem centrada em um contexto afetado por e constituinte do território. Ao mesmo tempo, tal produção discursiva é tomada como prática de produção de sentidos acerca da destruição, realocação e consequente ressignificação daquele território.

#### **3.1 Fragmentos de saudades - 1º tempo: antes da realocação**

Inicialmente tratamos da análise do primeiro texto poético da coletânea, *Fragmentos de saudades - 1º tempo*, que aborda o período da história de Itueta que antecede à construção da usina, portanto os momentos anteriores à realocação da cidade. No poema composto de quarenta e duas estrofes, o sujeito poético representa saudosamente o viver na Itueta velha: conta sobre seu nascimento; menciona seus conterrâneos nos costumes da cidade; os eventos da zona urbana comentados mês a mês representam Itueta em geral como um lugar festivo e de muito movimento, em passagens do tempo retratadas de janeiro a dezembro.

O tempo verbal predominante em todo o poema é o pretérito imperfeito, cujo emprego ajuda a reforçar a ideia de que a velha Itueta era um lugar de muita festa e movimento o ano inteiro, já que verbos nesse tempo exprimem um fato habitual, durativo, ocorrido no passado.

Esse emprego verbal pode ser visto, por exemplo, nas estrofes (6) e (25), que retratam as práticas de comunidade nos meses de fevereiro e novembro, respectivamente:

(6) Fevereiro era chegado/ Um carnaval animado/ A todos contagiava/  
Boi pintadinho e mulinhas/ Em frente a nossa pracinha/ Gargalhadas provocavam.

(25) Em novembro era Finados/ Por todos nós celebrado/ Como o dia da  
Esperança./ O cemitério se enchia/ Lembrando que ali jazia/ Só quem temos na  
lembrança.

Cada estrofe do poema retrata um evento cujas vivências de comemorações são retomadas e representadas com expectativas e alegria. O poema se inicia com a colocação do sujeito poético, que situa e caracteriza, em versos, a antiga Itueta. Na estrofe (1), observa-se que o efeito de caracterização do território vivido é produzido pelo verbo relacional ser, utilizado nos versos 1 e 5. O sujeito poético é um homem de origem rural, que se revela triste e sente saudades desse tempo e desse espaço representados em “que um dia foi encanto”.

(1) Eu fui nascido na roça/ Vivia numa palhoça/ Que ainda hoje existe./  
Quando eu vejo tal recanto/ Que um dia foi meu encanto/ De saudade fico triste.

O sujeito poético se coloca na posição de observador do território, rememorando as práticas passadas, o que gera saudades e tristeza, conforme aborda. Também nessa estrofe (1) é possível observar no verso 6 que o verbo ficar, como processo relacional de estado (HALLIDAY, 1988; FOWLER, 1999), coloca-se como um modelo de apresentação dos eventos. Quando os processos/as ações são representados no presente do indicativo, a história retratada se torna ainda mais viva e atualiza o sentimento de tristeza do sujeito poético frente à realocação da cidade. Utilizado nesse contexto, o verbo atribui um efeito de sentido que indica permanência dos sentimentos, eternidade dos fatos, acentuados pela condição de vivência da tristeza.

O propósito do texto é explicitado no final do poema, na penúltima estrofe (41). O sujeito poético revela que sua intenção é produzir um registro do território que já não existe mais, salvo na sua memória, para que não seja esquecido e se torne conhecido pelas gerações futuras. No verso (3), procura-se, através do uso da expressão “versejar com lealdade”, o desejo de convencer o leitor a aderir e compartilhar sua representação de Itueta. De outro modo, revela

o quanto o sujeito se compromete com a verdade, o que Fairclough (2001) denomina de “modalidade epistêmica”.

(41) Lembranças que trago comigo/ Embora de um jeito antigo/  
Versejei com lealdade/ Meu desejo foi mostrar/  
Como era meu lugar/ Para a posteridade.

Em seguida analisaremos o segundo texto da coletânea, *Suor e lágrimas - 2º tempo*, remetente aos momentos da transferência da cidade, para a construção da hidrelétrica.

### 3.2 Suor e lágrimas - 2º tempo: durante a realocação

A produção poética, que retrata o processo de deslocamento da população, está estruturada em cento e quatro estrofes. É o mais extenso e detalhado texto da coleção. Nele observamos a apresentação do tema central da coletânea, ou seja, a representação do fato propriamente dito: a destruição da Itueta velha e o deslocamento compulsório dos seus moradores para a nova Itueta, decorrentes da construção da UHE Aimorés e as representações sobre ser e estar nesse processo, em eventos representados como “lutas”. *Suor e lágrimas - 2º tempo* destaca a resistência e o enfrentamento empreendidos pelos ituetenses no contexto da realocação, procurando eliminar qualquer ideia de passividade diante do tempo de dor e sofrimento, representado pelo sujeito poético como inesquecível.

A primeira estrofe (1) marca a transição do primeiro para o segundo poema da coleção: o primeiro, que fala do tempo festivo, e o segundo, que aborda o tempo do sofrimento. Essa estrofe traz também no último verso o objetivo do poema, que é mencionar as lutas de resistência ao projeto hidrelétrico.

(1) Um outro lado da vida,/ Da minha antiga Itueta/ Agora vou comentar./  
Muito escrevi sobre festas,/ Porém agora me resta/ Suas lutas mencionar.

Ao retratar as chamadas “lutas”, o sujeito poético constrói uma forma de modalidade subjetiva, já que deixa claras suas afinidades com essas lutas mencionadas, situadas no tempo como a condição do “agora”. Nesse sentido, é representado seu projeto para preservar a memória da antiga Itueta e manifestar seu sentimento de não pertencimento à nova Itueta, espaço onde vive atualmente. As estrofes (56) e (97) evidenciam essa ideia:

(56) Mais de cem anos de lutas/ Sacrifícios e disputas,/ Vidas de dedicação./  
Ver tudo agora inundado/ É sentir-se derrotado,/ Com mágoas no coração.

(97) Num sol que torrava o chão,/ E sem arborização,/ A nova cidade habitamos./  
Depois de tanto cansaço,/ Com certo sabor de fracasso,/ Nossa vida começamos.

Em geral, o poema aborda duas grandes lutas dos ituetenses na velha Itueta: a luta diária pela busca do sustento e a luta contra o Consórcio responsável pela usina hidrelétrica. As lutas são abordadas em partes separadas do texto e representadas de forma diferente. A primeira, mais branda e naturalizada, enfatiza as dificuldades da segunda, como se pode observar nas estrofes (20) e (21).

(20) Detalhar os maus momentos/ Não será o meu intento/  
No mais que vou escrever./ Porém, o mais importante,/  
Eu detalho doravante/ Por destaque merecer.

(21) Não sairá da memória/ O mudar da trajetória/ Do curso de nossas vidas/  
Foi uma fatalidade/ Saber que nossa cidade/ Seria, já, demolida.

Na estrofe (21) observa-se que o evento “mudar da trajetória” destaca não apenas a transferência do povo como também mudança de trajeto, de percurso de vida: portanto, constitui uma fatalidade para os ituetenses. Castells (1999) aborda a concepção de identidades legitimadoras, aquelas introduzidas por instituições dominantes, a fim de legitimar sua dominação. A transferência da cidade se dá forçadamente a um espaço urbano construído, para o qual os moradores foram realocados. Alguns resistiam e permaneciam no local da velha Itueta, indicando uma postura de resistência tardia, assim retratada nos versos como uma luta contra e pela dor da lembrança, de uma luta contra o evento “fatalidade”, a demolição que se estabeleceu com o vazio no território.

O poema utiliza a metáfora da guerra para abordar a destruição da cidade, como se pode identificar nas estrofes (75), (76) e (77), considerando a atuação das máquinas que demoliam a velha Itueta. Assim, ao mencionar a guerra, o campo semântico, embora sugira concretude, aponta para a subjetividade de uma luta interior e tardia, uma vez que Itueta velha já não existe mais.

(75) Para remover as pedreiras/ Muitas nuvens de poeira/ Nossas casas invadiam./  
Ao som triste de sirene,/ Como num ato solene,/ Fortes bombas se explodiam.

(76) O trânsito ficou perigoso,/ Para criança e idoso,/ Nas ruas havia perigo;/  
Na hora da bomba explodir,/ Todos tinham que sair,/ Buscando melhor abrigo.

(77) Como tanques numa guerra,/ Caminhões cheios de terra,/  
Sem lona de proteção,/ Transitavam noite inteira,/  
Jogando terra e poeira,/ No rosto do cidadão.

Observa-se a recorrência de usos no pretérito perfeito nas últimas estrofes do poema, que representam o sentimento do sujeito poético que se posiciona frente à destruição da cidade. Esse tempo verbal indica um fato completamente realizado, uma ação acabada. Essa representação pode ser vista, por exemplo, nas estrofes (99), (101) e (104).

(99) Para todos ficou claro/ Que o povo pagou bem caro/ Para a usina funcionar./  
Quando o lago estiver cheio/ Terá lágrimas no meio/ Para energia gerar.

(101) Assim foi, que deram fim,/ Daquela que foi pra mim,/  
Como mãe que me acolheu./ Por minha Itueta antiga/  
Que sempre me deu guarida/ Meu amor jamais morreu.

(104) Encerro o segundo tempo/ Registrando o sofrimento/ Dessa nossa geração,/  
Pra todos verem um dia/ Que não foi só regalia/ A nossa realocação.

Destaca-se o registro que descreve o evento da demolição construído com escolhas vocabulares negativas: tristeza, morte, lágrimas, sofrimento. O sujeito poético representa a ideia de destruição como um malefício à cidade. O ser e o estar nessas condições são representados nos versos como sofrimento. A consequência da mudança é retratada como “fim”, “moeda cara”. A estrofe (98) indica que o preço alto foram a destruição do território e as incertezas quanto à sua reconstrução em novas bases.

(98) Os dias estavam contados/ Do nosso lugar amado/ Deixar, então, de existir./  
Sentimos naquele ensejo/ O golpe de um despejo/ E um incerto porvir.

### 3.3 Lembrança, tristeza e esperança - 3º tempo: após a realocação

A terceira e última produção versificada da coletânea, intitulada *Lembrança, tristeza e esperança - 3º tempo*, é composta por vinte e oito estrofes que representam o tempo presente do sujeito poético, vividos na nova cidade, após a realocação e a destruição da velha Itueta. No texto observamos posicionamentos sobre o êxodo compulsório, em versos com predominância

de verbos no presente do indicativo. Esse tempo verbal, que indica um fato certo, real e premente, torna o texto mais vivo e atualiza o fato. No momento em que o sujeito poético rememora e retrata a antiga cidade, os verbos utilizados estão no pretérito, ora no imperfeito, ora no perfeito. E, ao apresentar suas expectativas, faz uso de verbos no tempo futuro. Desse modo, os versos retomam o fato retratado nos dois poemas anteriores: representam o momento presente e projetam o momento futuro, sintetizando as representações de Itueta elaboradas pelo sujeito poético. Essa lembrança (passado), essa tristeza (presente) e essa esperança (futuro), que intitulam o poema, podem ser observadas nas estrofes (17), (4) e (26), respectivamente:

(17) Não vejo mais a pracinha/ Bem pertinho lá da linha/  
Que o trem de ferro passava,/ Um lugar aconchegante/  
Onde, em qualquer instante,/ Quem quisesse, descansava.

(4) Agora na nova cidade/ Onde tudo é novidade/  
Que nos atrai a atenção/ procuramos disfarçar/ E até no sorriso esboçar/  
Evitando a Depressão.

(26) E assim estamos vivendo,/ E ardentemente querendo/ Que volte a normalidade./ Haveremos de vencer,/ Atingindo, com prazer,/ A plena felicidade.

Os impactos da realocação são retratados em estrofes como (5), (9) e (10). Os versos representam a ideia de que a transferência reconfigurou o modo de organização social da população, rompendo os laços de sociabilidade existentes, distanciando os moradores e gerando o sentimento de não pertencimento ao novo “território”. Pode-se considerar que esse é o maior prejuízo da mudança, pois, quando “[...] o espaço se transforma, e as referências espaciais se perdem na dinâmica incessante do tempo, os homens perdem seus elos, sua base identitária e a substância de sua história” (DELGADO, 2005, p. 14).

(5) Por enquanto tudo é belo/ Mas não se sente o elo/ Que liga o povo ao lugar/  
Há uma luta da esperança/ Contra a força da lembrança/ No brilho de cada olhar.

(9) Onde, agora, nós moramos,/ Às vezes nos perguntamos:/ Onde está a união/  
Que havia em nossa gente/ Pelos encontros frequentes/ Da nossa população?

(10) Tudo ficou mais distante/ Não é como era antes/  
Há muitos semblantes sem graça/ A individualidade/  
Dispersou a sociedade/ Das casas, ruas e praças.

No poema observamos que uma identidade de projeto é estabelecida para a cidade, situando textualmente que há uma luta pelo restabelecimento e pelo desejo de redefinição da posição de sujeitos coletivos (cidadãos ituetenses), em sua “nova estrada”

(24) Nesta nossa nova estrada/ O reinício de jornada/ Difícil parece estar./  
Minha Itueta de criança/ Agora virou lembrança/ História pra se contar.

Nesse ponto, a (re)construção do território significa a busca de reconstruir sua história por meio da memória, em atualizações sobre tempos de alegria e de muita dor.

#### **4. Considerações finais**

Pelo discurso emergem representações, identidades e memórias, aspectos importantes para a constituição e a legitimação de um território, que nesse contexto destaca a velha Itueta como espaço de referências identitárias, simbólicas e de valor. O texto literário atualiza lembranças do sujeito poético sobre Itueta, representando os fatos significativos da história recente daquela cidade: a destruição e a realocação compulsória dos moradores. Os três momentos situados na análise discursiva (o tempo anterior à realocação, a realocação e o pós-realocação), bem como os movimentos, os hábitos e as realidades advindas dessa condição, conferem à cidade a categoria de território. Em todas as circunstâncias, antes e depois da mudança, é atribuída ao local uma rede de sentidos, em que se criam identidades; além do mais, é promovido o exercício do poder, o que faz da cidade um lugar de convivência.

Esses discursos sobre comunidade e amizade permeiam as dificuldades de adaptação à nova condição. Os fatos relatados em versos divergem do discurso econômico que orientou a realocação. Os versos representam modos encontrados pelo sujeito para significar sua vivência no território tanto da velha Itueta quanto da nova Itueta. Assim, a análise dos poemas nos confirma que os discursos são não apenas reflexo da construção de territórios, mas também construtores deles. Ao mesmo tempo, a memória se faz vívida nesse processo, especialmente com a produção literária tratada em três tempos; antes, durante e após o reassentamento dos cidadãos na nova Itueta.

As temáticas sobre as famílias, a amizade e o local no passado são representadas no confronto do presente com o futuro incerto. Os lugares são pistas para compreender o efeito da mudança da cidade e de suas consequências nos sujeitos. Nesse sentido, ser e estar são

retratados na velha Itueta como partes do território cuja familiaridade com conterrâneos, eventos e lugares, cujas certezas se entrecruzam com as incertezas de estar na nova Itueta e se transformar construindo novos sentidos a partir dali. Isso significa que, embora a nova Itueta represente o incerto, a ausência, a depressão, ela se redesenha na prática discursiva em questão, representando os valores, as identidades e os hábitos dos sujeitos da cidade, conforme enfatiza o sujeito poético.

## Referências

- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: ROSENDAHL, Z; CORREA, R. L. (Org.). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: UERJ, 2002. p. 83-132.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede** (A era da informação, v. 1). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- DELGADO, L. A. N. Historia oral e narrativa: tempo, memória e identidade. *História Oral*, 6, p. 9-25, 2005.
- FAIRCLOUGH, N. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: MAGALHÃES, C. (Org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. Belo Horizonte: FALE, 2001a. p. 31-82.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UnB, 2001b.
- FOWLER, R. **Language in the news: discourse and ideology in the press**. London: Routledge, 1999.
- HAESBAERT, R. Da territorialização à multiterritorialidade. **X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA**, 10. Anais... São Paulo, 2005. p. 6774-6792.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- HALLIDAY, M. A. K. **Introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1988.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Informações completas sobre o município de Itueta (MG). **IBGE**. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/4K4>>. Acesso em: 08 fev. 2015.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso (para a) crítica**: o texto como material de pesquisa. Campinas, SP: Pontes, 2011.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2009.

SANTOS, T. M. **Itueta**: da articulação à desarticulação de um território (1926-2005). 2013. 70 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2013.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 7-72.

Artigo recebido em: 09.02.2015

Artigo aceito em: 17.04.2015